



Editorial

Editorial

Em tempos de redefinições das fronteiras do discurso literário e de estudos transdisciplinares, o presente número da revista *Cerrados* organiza-se em duas seções: **Literatura, Teatro e Cinema: aproximações críticas e teóricas** e **O dizer poético e a ficção contemporânea**.

Os estudos das relações entre literatura e teatro ultrapassam a tradicional análise do texto dramático, tomando em consideração também os aspectos especificamente dramáticos. Em “Escrita dramática, publicações híbridas”, André Luís Gomes analisa um novo tipo de publicação relacionada com o teatro: produtos multimídias que superam a hierarquia entre texto e encenação, apresentando, além do texto e de análises críticas, também depoimento de atores e encenadores, além de registro das encenações por meios audiovisuais. Elga Laborde apresenta a obra de Marco Antonio de La Parra, observando sua ruptura com o realismo predominante no teatro chileno e concentrando sua análise nas obras *La secreta obscenidad* e *Lo crudo, lo cocido y lo podrido*. Gilberto Figueiredo Martins estuda a representação de ritos afro-brasileiros na peça *Balbina de Iansã*, de Plínio Marcos, em que destaca as cruas relações de poder nos terreiros paulistas e a substituição do trágico pelo melodramático.

O artigo “A quebra da ilusão no teatro pós-dramático de Will Eno”, de Luís Roberto Zanotti, aborda as características pós-dramáticas do teatro de Eno, destacando a intensa interlocução com a plateia e o domínio da situação sobre a ficção. Em “A tradução da oralidade na peça *Catharsis*, de Gustave Akakpo”, Maria da Glória Magalhães dos Reis aborda as dificuldades de uma tradução que transponha o ritmo, coloquialismos e neologismos, com base em reflexões sobre o contexto cultural e político de países de língua francesa e na teoria de Henri Meschonnic.

Abordando a peça *Comeram D. Pero Fernão de Sardinha*, de Luiz Sávio de Almeida, Otávio Cabral e Belmira Magalhães analisam características do trágico na contemporaneidade, relacionadas com o mundo capitalista, bem como a utilização de elementos do cômico popular. Rafael Litvin Villas Boas apresenta a trajetória dos grupos de teatro Oficina e Asdrúbal Trouxe o Trombone, explicando, por

meio do panorama histórico e ideológico, transformações que resultaram no teatro conhecido como besteirol, mediadas pelo chamado “teatro de agressão”, cujo exemplo abordado é a peça *Roda Viva*, de José Celso Martinez Corrêa. Em “Destino e heroísmo no teatro épico brechtiano”, Sonia Aparecida Vildo Pascolati analisa os aspectos citados na peça *Antígona*, recriação de Bertold Brecht, estendendo-a a outros protagonistas brechtianos, demonstrando a desconstrução da noção de destino em favor do livre-arbítrio.

Outro grupo de textos relaciona teatro, poesia, jornalismo e cinema. Berilo Luigi Deiró Nosella compara o texto e a encenação da peça *Eles não usam black-tie*, de Gianfrancesco Guarnieri, de 1958, com as adaptações do filme homônimo, dirigido por Leon Hirszman, observando as reações a contextos históricos diversos. Morgani Guzzo e Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira comparam o livro-reportagem *Gostaríamos de informá-lo de que amanhã seremos mortos com nossas famílias: histórias de Ruanda*, do jornalista Philip Gourevitch, com o filme *Hotel Ruanda*, dirigido por Terry George. Liliana Leroux examina narrativas audiovisuais produzidas por jovens da periferia, com base no conceito de autoficção, de Serge Doubrovski. Em “*Ecopoiesis* e cinema: o *Stalker* de Tarkóvski”, Luciano Barbosa Justino e Fabrícia Silva Dantas exploram as relações entre poesia – em um sentido mais amplo – e cinema, por meio da análise do filme *Stalker*, demonstrando assim como o filme de Tarkovski desloca-se do padrão puramente narrativo por meio de uma intensa poetização da imagem. Piero Eyben, em “Bétulas e sombra: o problema do ícone na poesia e no cinema”, elabora, com base na Semiótica de Peirce, uma análise comparativa dos traços icônicos em signos do filme *Nostalghia*, de Andrei Tarkovski, e em poemas de Paul Celan. Ravel Giordano da Paz realiza uma análise comparativa entre a novela *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar, e o filme dirigido por Luís Fernando Carvalho, destacando procedimentos estéticos da adaptação fílmica, que, ao mesmo tempo, respeitam e subvertem a fonte literária, por meio de uma espécie de transposição sinestésica de situações apresentadas no texto literário. E Sylvia Maria Azevedo analisa a adaptação do conto de Machado por Humberto Mauro, com base em observações sobre o contexto histórico de recepção da obra de Machado nas primeiras décadas do século XX e também sobre a função didática do cinema estimulada pelo Estado Novo.

Este número da revista *Cerrados* conclui-se com uma análise de aspectos polifônicos na poesia de Carlos Drummond de Andrade, por Carina Dartora Zonin, e um estudo das características da ficção pós-moderna no conto “O Monstro”, de Sérgio Sant’Anna, por Marine Souto Alves e Cláudio do Carmo Gonçalves.

Os organizadores